

PRIMÓRDIOS DA ANESTESIA GERAL NO BRASIL

ORLANDO SATTAMINI-DUARTE (*)

Praticada, pela primeira vez, a 16 de outubro de 1846, no Hospital Geral de Massachussets, não tardou muito para que chegasse ao Brasil a anestesia. Não por caminho direto. Através de Paris, que era, então, o centro científico onde se abasteciam os médicos brasileiros.

Logo no mês de janeiro seguinte, os "Anais de Medicina Brasileira" (1) propagavam a grande descoberta. E, a 25 de maio do mesmo ano de quarenta e sete o Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo (2) fazia a primeira anestesia geral, empregando o éter, na pessoa de um estudante de medicina, de nome Pais Leme. Mas com intuítos apenas experimentais, ao que parece.

Uma semana após, Domingos Marinho de Azevedo Americano (3) repetia o processo. A 1.º de junho, no Hospital Militar da Côrte, situado no Morro do Castelo (4), em dois soldados.

Grande exibição, assistida pelos Drs. Joaquim Vicente Torres Homem (5), Leslie, Curtis, José Luiz (6) e Borges Monteiro (7).

A rigor, quem praticou a anestesia foi o próprio Curtis, "elemento chegado da Europa", esclarece Marinho. Explica-se o fato, pois faltavam ao brasileiro experiência e instrumental. É o que se lê na comunicação de Marinho à Academia Imperial de Medicina: "não possuindo ainda uma máquina de eterização e sabendo que o Dr. Leslie a tinha..."

Não foi igual o resultado: "um nada sofreu de alteração fisiológica, ficando porém, o outro, completamente insensível". Êste, então, foi operado de osteomielite fistulada da mastóide. O primeiro, em quem falhara o método "era dado ao uso de espíritos".

(*) Chefe do Serviço de Neuro-Cirurgia do Hospital do Servidor da Prefeitura (D. F.). Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Assistente voluntário de Anatomia Sistemática da Faculdade Nacional de Medicina.

Logo após faz-se o terceiro ensaio. Outro soldado, internado na enfermaria de Torres Homem. Do velho Torres Homem, pai do célebre clínico e professor, que tão alto levaria a medicina interna brasileira.



Fig. 1 — Roberto Jorge Haddock Lobo
(Vida Fluminense)

E relata a comunicação: “No fim de onze minutos, que durou a eterização, praticou-se então a extração do dente, que levou algum tempo por não ter o barbeiro podido extrai-lo de uma só vez, sendo a extração completada pelo Dr. Curtis”. E na curiosa linguagem técnica, informa ainda que, “logo as primeiras inalações produzem uma displicência nos pulmões”.

Muitas outras vêzes repetiu Marinho Americano o processo. Com a colaboração de outro estudante, Manoel Gomes da Costa, “que se prestou multiplicadas vêzes a êsses ensaios fisiológicos”. Já agora, Bento Maria da Costa, também acadêmico, extrai um dente. E conclui então o comentarista: “sempre o resultado foi favorável à aceitação do novo meio anestésico, levando essa convicção ao espírito dos circunstantes”. E êstes circunstantes eram o que de bom havia no meio carioca... Médicos, como Antônio Felix

Martins (8), Domingos José Gonçalves de Magalhães (9) e o pintor e poeta Manoel de Araujo Porto Alegre (10).

No mesmo ano de 1847, no Ceará, Liberato de Castro Carreira (11) pratica uma amputação do terço superior da perna após anestesia etérea e, em seu relatório, lê-se: “um minuto talvez não teria ainda decorrido e o indivíduo bem sentado começava a fruir os belos vapores (chamo-lhes belos pelas sensações agradáveis que dizem produzir) já entrava em sono anestésico”.



Fig. 2 — Domingos Marinho de Azevedo Americano
(Galeria da Faculdade Nacional de Medicina)

Não passou em branco o êxito de Azevedo Americano. Como que a moderar o seu entusiasmo, saía a campo Manoel Feliciano Pereira de Carvalho (12). “Aplicação nova de um remédio velho”, escreve o antagonista, para completar adiante: “em França já o entusiasmo da moda vai sensivelmente passando!”

Nos primeiros dias de 1848, comunica Manoel Feliciano, à Academia Imperial de Medicina, ter utilizado o clorofórmio, que lhe parecia “muito superior ao éter”. Como era então habitual, noticiou a imprensa leiga o ocorrido: “após 15 minutos de administração da substância era feita uma amputação da coxa esquerda, por tumor branco total”.

Antônio José Peixoto repete o método e Luiz Bompani, médico italiano radicado no Rio de Janeiro (13) pratica amputação da coxa sob anestesia clorofórmica, ainda em abril do mesmo ano.

Infelizmente, esclarecendo êste último: “gastou-se 3 onças de clorofórmio do país e com êle nada se obteve, completando-se a operação com a substância preparada no estrangeiro e que foi de ação pronta”.

É também nesse tempo que o célebre cirurgião Antônio da Costa (14) realiza uma amputação de mama “com vinte gôtas de clorofórmio, utilizando o aparelho de Deville, modificação de Charrière” (15).



Fig. 3 — Manuel Feliciano Pereira de Carvalho
(Galeria da Faculdade Nacional de Medicina)

Perto da Côrte, não tardou que chegasse o método à cidade de Campos, na província do Rio de Janeiro. José Pinto Ribeiro Sampaio (16) e José Ferreira Passos começam a praticá-lo. Não só anesthesiavam, como também emprestavam a “máquina”, como então se dizia.

Transcreve Barbosa Guerra o anúncio, publicado no “Monitor Campista” de 15 de junho de 1848:

“Clorofórmio — Acaba de chegar uma boa porção dêsse maravilhoso líquido, por cuja influência os doentes não experimentarão a menor dor no decurso das operações, por muito graves que sejam. A propriedade insensibilizadora do clorofórmio, verificada tanto na Europa como

na América, está hoje fora de toda a contestação; os médicos do Consultório homeopático desejando que os benefícios desse medicamento sejam extensivos a todas as classes da sociedade, têm acordado em cedê-lo gratuitamente a todos os seus colegas, que dêle se quiserem utilizar. O aparelho para a sua aplicação é também cedido na Praça Principal n.º 26.”



Fig. 4 — Máscaras para eterização. Modelo Charrière.

A esta experiência nacional, que começava a crescer, ajunta o Visconde de Sabóia sua observação, sobre o emprêgo da morfina: “em injeção hipodérmica, na dose de 25 miligramas, o cloridrato de morfina tem grande valor como meio preventivo da manifestação de qualquer acidente pelo emprêgo do clorofórmio”.

Em 1851, surge a primeira tese sobre anestesia. Escrita por um sergipano, Fiel José de Carvalho e Oliveira (17). Mas publicada na Bahia, de cuja Faculdade foi aluno. Trabalho sem originalidade, mas de absoluta atualidade.

Poucos anos depois, Manoel Nunes Afonso de Brito (18), baiano, também na Bahia publica a segunda tese sobre a matéria. Essa,

realmente, boa. Estuda pormenorizadamente as substâncias anestésicas, seus efeitos e indicações, para concluir:

- 1) O clorofórmio é menos alterável, tem gosto e cheiro mais toleráveis, é menos volátil e mais enérgico, pelo que basta pequena porção e permite o uso da esponja ou compressa.
- 2) Nos casos de síncope, fazer fricções com baieta na região cardíaca e em todo o corpo; pôr o doente em posição horizontal... enfim, usar de todos os meios próprios para chamar sangue para o cérebro e dar energia ao coração. Nos casos de asfixia, insuflações, quer com a bôca pelo tubo laríngeo, quer com o fole.

E termina, com as contra-indicações: "Um pequeno número de operações são incompatíveis com a anestesia, como a excisão dos tumores hemorroidais interiores e outras em que os efeitos dêstes agentes suspendam o uso das faculdades."

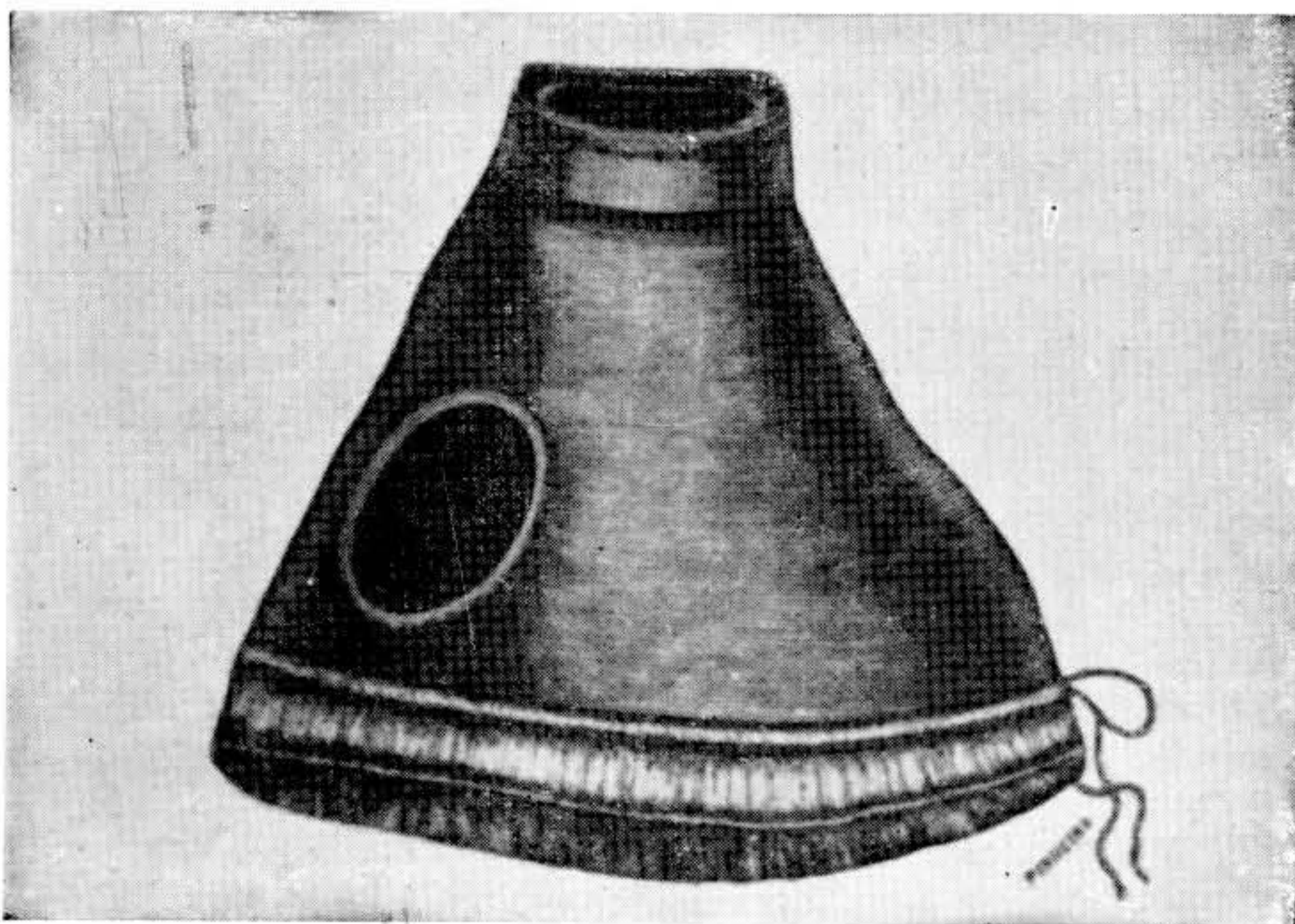


Fig. 5 — Máscara para cloroformização (Saboia)

Com todo o entusiasmo despertado, mesmo assim nem sempre pôde ser utilizado o processo. Às vêzes, pela impossibilidade da própria aplicação da "máquina", como no caso da "ressecação do maxilar superior direito, de parte do esquerdo, assim como de um dos ossos próprios do nariz", praticada, pela primeira vez pelo mesmo Antônio da Costa, tão entusiasta da anestesia, a 20 de julho de 1858.

Ou então, muitos anos depois, em 1869, quando, por tratar-se de indivíduo tísico e bastante enfraquecido, os ilustres cirurgiões Andrade Pertence (19) e Mateus de Andrade (20) amputaram, a frio, o pé esquerdo do eterno Castro Alves.

Da leitura atenta das atas da Academia Imperial de Medicina, fica a impressão de que houve contenda sôbre a prioridade do emprêgo dos anestésicos. O estilo comedido, mesmo assim, deixa entrever que deve ter suscitado inimizades. Que não foram muito longe: Domingos Marinho de Azevedo Americano morre moço, em 1851; Haddock Lobo volta-se para a política e acaba a vida negociante no Rio de Janeiro. Sômente Manuel Feliciano vive um pouco mais na profissão, morrendo em 1869, em plena e gloriosa atividade cirúrgica. A quem, alunos e admiradores, pelo seu saber, chamaram de "novo Larrey".

Apesar de polemizada, a história da anestesia geral, no Brasil, anda longe do trágico princípio que teve em sua terra de origem, com o suicídio comovedor de Wells, a luta nem sempre escrupulosa de Morton e a ruína mental de Jackson, o mais poderoso dos três cérebros empenhados na imitação do ato divino do Gêneses.

Notas ao texto

(1) Os Anais de Medicina Brasiliense constituem uma das fases da publicação das atas das sessões da antiga Academia Imperial de Medicina, que sucedeu à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, fundada em 1829.

(2) Roberto Jorge Haddock Lobo, natural de Cascais (Portugal), nasceu a 19 de fevereiro de 1817 e faleceu no Rio de Janeiro a 30 de dezembro de 1869. Médico, cirurgião do corpo de cavalaria da Guarda Nacional, cedo abandonou a medicina, tendo sido vereador, subdelegado de polícia e juiz de paz de paróquia, na Côrte. Também logo desinteressou-se destas atividades, vindo a falecer "negociante matriculado na praça do comércio do Rio de Janeiro".

(3) Domingos Marinho de Azevedo Americano, mineiro de nascimento (12 de fevereiro de 1813), faleceu a 9 de junho de 1851, em sua província natal. Foi professor catedrático da cadeira de Partos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Inteligente, empreendedor e sobretudo cultíssimo profissional.

(4) O Hospital Militar da Côrte, situado no morro do Castelo abrigava em seu edifício algumas cadeiras do ensino médico. É o precursor do Hospital Central do Exército.

(5) Joaquim Vicente Torres Homem, natural da cidade de Campos, onde nasceu em fins do século XVIII. Foi médico do paço imperial, professor de química na Faculdade de Medicina, diretor da mesma por várias vezes e pai do imortal mestre da clínica médica que foi João Vicente Torres Homem. Faleceu dias antes da formatura do filho, a 9 de dezembro de 1858, no Rio de Janeiro.

(6) Quer parecer ao A. que seja o mesmo Dr. José Luiz da Costa, inteligente médico português aqui radicado e que por largo período estêve afastado da clínica em virtude de grave psicopatia. O que de curioso há em tudo isto é ter êle próprio estudado a sua enfermidade mental, que descreve em

interessantíssimo relatório, por êle mesmo apresentado à Academia Imperial de Medicina, da qual era membro. Completamente demente, aqui faleceu, depois de viver da amizade e da caridade de seus afeiçoados colegas.

(7) Cândido Borges Monteiro, visconde de Itaúna, o mais afamado dos cirurgiões brasileiros, autor da célebre ligadura da aorta abdominal, executada em 1842, com sobrevida de 12 dias. Homem admirável, depois de ter sido médico particular de Pedro Segundo, professor da Faculdade de Medicina, senador do Império e ministro da Agricultura, morreu sem nada deixar à família que teve de ser socorrida com uma pensão concedida pela Nação.

(8) Antônio Felix Martins, barão de São Felix, foi o primeiro professor de Patologia Geral que teve a Faculdade do Rio de Janeiro. Carioca de nascimento, aqui clinicou, tendo chegado às mais altas posições e ao cargo de grão-mestre da maçonaria.

(9) Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaia, cedo evadiu-se da medicina. Diplomata, poeta e escritor, passou a maior parte da vida na Europa, representando seu país.

(10) Manuel de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Ângelo. Pintor, poeta, escultor e arquiteto, foi diretor da Academia Imperial de Belas Artes e a fim de melhor estudar e aperfeiçoar-se, foi por Pedro Segundo introduzido na carreira diplomática.

(11) Liberato de Castro Carreira, cearense de Aracati, onde nasceu em 1820. Filho do cirurgião-mór Luiz da Silva Carreira, também acabou político, como senador do Império. Conceituado como financista, escreveu, já na República, um estudo clássico sobre a história financeira do Império Brasileiro.

(12) Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, dos maiores cirurgiões do século passado, foi também professor da Faculdade de Medicina. Primeiro cirurgião do Hospital Militar da Côrte, ali praticou a primeira anestesia clorofórmica. Há mais de 120 anos, com grande êxito, praticou várias dezenas de craniectomias.

(13) Luiz Bompani, natural de Modena, na Itália, onde formou-se, clinicou quase toda a vida no Rio de Janeiro, onde faleceu. Com outro patrício seu, o italiano Cesar Persiani que aqui também radicou-se e acabou barão de Itiúba; operou o poeta Álvares de Azevedo de "um tumor na fossa ilíaca". Provavelmente bacilar, sugere Licurgo Santos Filho, lembrado da tuberculose pulmonar de que era portador o jovem byroniano.

(14) Antônio da Costa, grande cirurgião, "o Lisfranc Brasileiro" teve uma rápida e intensíssima vida clínica de quarenta e quatro anos. Formado em Montpellier, foi membro correspondente de várias sociedades médicas francesas e apresentou trabalhos e memórias à Academia de Medicina de Paris. Faleceu em 1860 depois de rápido quadro abdominal que Abel Porto identifica, e bem, como crise apendicular.

(15) De fabricação Charrière foi quase todo o material empregado pelos médicos brasileiros do século passado. O que não era originalmente Charrière, logo aparecia como modificação feita pelos famosos fabricantes parisienses.

(16) José Pinto Ribeiro Sampaio e José Ferreira Passos foram colegas de turma, tendo colado grau, no Rio de Janeiro, em 1846. Sampaio, campista, nesta cidade faleceu "depois de longos sofrimentos", em 1877, com 60 anos de idade. Sua tese inaugural tem por título: "Breves reflexões sobre a solidão". Ainda estudante, publicou um livro de versos: "Delírios poéticos que a seu prezado pai dedica". Deixou ainda inéditos dois livros: "Blasfêmia do ímpio" e "Riachuelo".

(17) Fiel José de Carvalho e Oliveira, natural de Estância, em Sergipe. Dedicou-se também à política, tendo sido deputado estadual e federal, vice-presidente da Bahia e Inspetor da Alfândega do Salvador. Faleceu em 1889, na Bahia, com 61 anos.

(18) Manuel Nunes Afonso de Brito, nasceu na Bahia e faleceu na ilha da Madeira, em 1860, com 25 anos. Provavelmente de tuberculose pulmonar, pois para a ilha dirigiam-se, quando podiam, êstes enfermos.

(19) Andrade Pertence foi professor de técnica operatória na Faculdade do Rio. Carioca de nascimento, da Academia de Belas Artes, médico do Imperador, faleceu no Rio de Janeiro, em 1886, com 63 anos.

(20) Mateus de Andrade, cirurgião abalizado, natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1832, candidatava-se a uma cadeira de clínica cirúrgica e, para tanto, escreveu tese sobre hérnias estranguladas. Como fôsse, na época, muito lido o trabalho de Gosselin, sobre o assunto, parece que o cirurgião repetiu algumas frases do mestre francês. Algum inimigo deu-se ao trabalho de publicar ambos os trabalhos, confrontando-os e distribuiu-os fartamente. "Estelionato científico apresentado como prova de concurso à cadeira de clínica cirúrgica pelo doutor Mateus de Andrade". Tão acabrunhado ficou Mateus que, no banheiro da casa de saúde Nossa Senhora da Ajuda, cortou as artérias radiais, assim falecendo, com 38 anos, a 3 de julho de 1871.

Resumo

O A. estuda a história da anestesia geral no Brasil, praticada pela primeira vez, com éter, a 25 de maio de 1847, pelo Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo, apenas com intuito de pesquisa. Logo após, a 1.º de junho de 1847 o Dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano, auxiliado pelo médico Curtis, anestesiava e operava um soldado. Em 18 de fevereiro de 1848 o professor Manuel Feliciano Pereira de Carvalho introduzia a anestesia geral pelo clorofórmio.

Summary

The A. studies the history of general anesthesia in Brazil. The first to perform it was Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo (25th., May, 1847) with purposes of research. Soon after (1st. June, 1847) Dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano, aided by Dr. Curtis anesthetized and operated a soldier. General anesthesia by chloroform was performed, the first time, by professor Manuel Feliciano Pereira de Carvalho (18th. February 1848).

Bibliografia

- "Anais de Medicina Brasiliense", janeiro de 1847.
- "Atas da Academia Imperial de Medicina" — Sessão de 30 de julho de 1847.
- Blake, A. V. A. Sacramento — "Dicionário Bibliográfico Brasileiro", 7 vols. — Tip. Nacional, Rio de Janeiro, 1883-92.
- Bompani, Luiz — "Anais de Medicina Brasiliense", abril de 1848.
- Brito, Manuel Nunes Afonso de — Tese de doutoramento — Tip. de Carlos Poggetti, Bahia, 1858.
- Corrêa de Azevedo, Luiz — Discurso biológico — "Anais Brasilienses de Medicina", XXII, junho 1870 (N.º 1). Necrológio de Haddock Lobo.
- Corrêa de Azevedo, Luiz — Discurso biológico — "Anais Brasilienses de Medicina", XXI, junho 1869.
- "Gazette des Hôpitaux", 1847, pág. 95.

Guerra, Barbosa — Primórdios da Cirurgia em Campos — “Publicações Médicas”, N.º 137, pág. 65, 1943.

“Jornal do Comércio”, N.º de 18 de fevereiro de 1848.

Magalhães, Fernando — O centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — Tip. de A. P. Barthel, Rio de Janeiro, 1932.

Oliveira, Fiel José de Carvalho e — Breves considerações acêrca das propriedades anestésicas do éter e do clorofórmio — Tip. de João Alves Portela, Bahia, 1851.

Perrin, M. et Lallemand, L. — Traité d'anesthésie chirurgicale — F. Chamerat Édít., Paris, 1863.

Porto, Abel — Antônio da Costa — “Boletim do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, XXV, 9, 1954 (agosto-dezembro).

Raper, H. R. — El hombre contra el dolor — Salvat Editores, Barcelona, 1953.

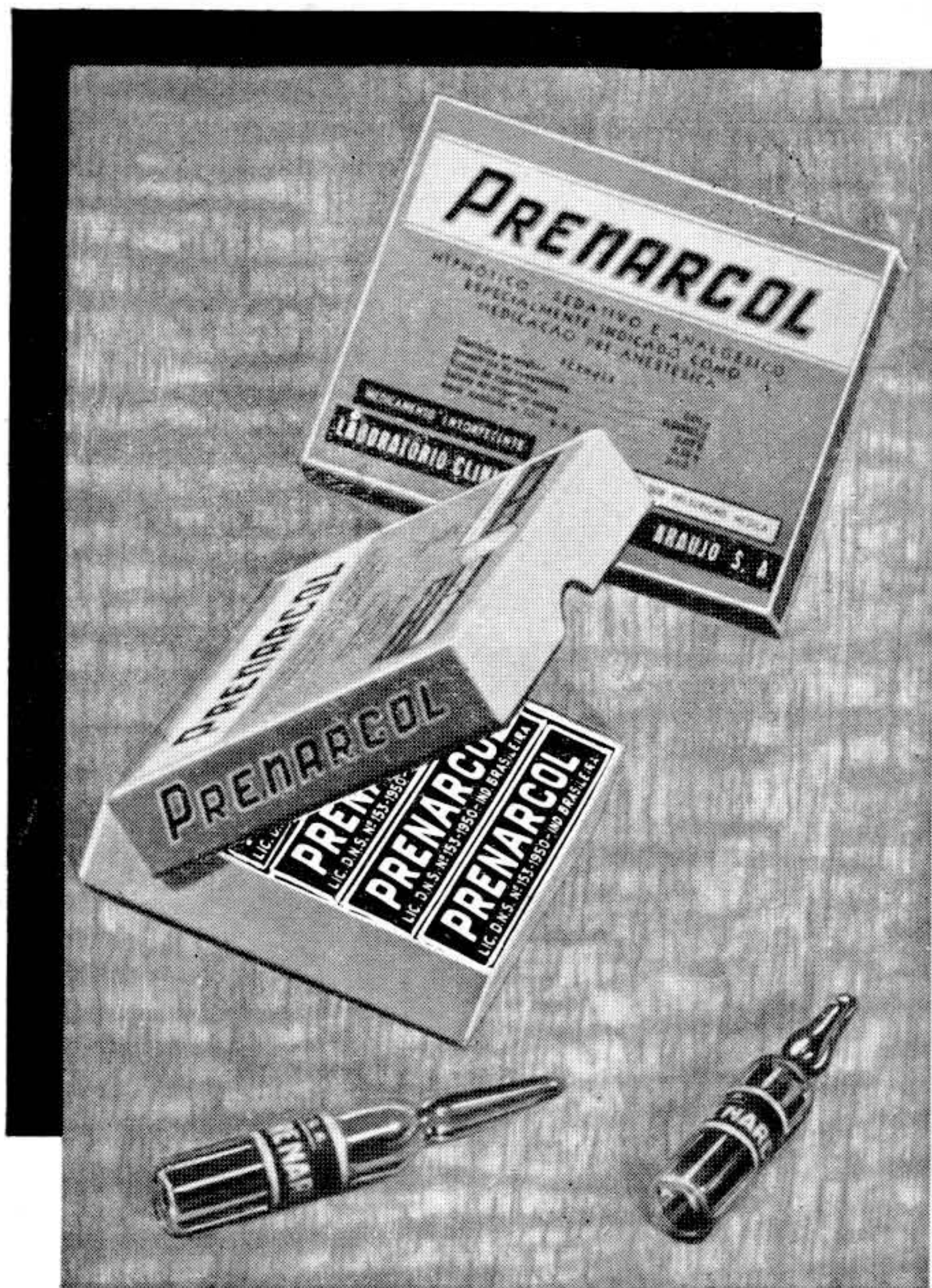
Saboia, V. de — Clínica Cirúrgica do Hospital da Misericórdia — 2 Vols., Tip. Nacional, Rio de Janeiro, 1880-81.

Santos Filho, Licurgo — História da Medicina no Brasil — 2 Vols., Editora Brasiliense, São Paulo, 1947.

Sattamini-Duarte, Orlando — Uma auto-observação psiquiátrica de 1861 — “Revista Brasileira de Medicina”, N.º de março de 1955.

Schutel, Duarte Paranhos — Tese de doutoramento — Tip. Francisco de Paula Brito, Rio de Janeiro, 1861.

“Vida Fluminense”, N.º de 22 de janeiro de 1870.



ESPECIALMENTE
INDICADO
NA
PRÉ-NARCOSE
E, TAMBÉM, COMO
**HIPNÓTICO,
SEDATIVO
E
ANALGÉSICO**

PRENARCOL

Cloridrato de morfina	0,01 g
Bromidrato de escopolamina . .	0,00025 g
Sulfato de esparteina	0,02 g
Sulfato de magnésio anidro . . .	0,50 g
Água manitada a 10% q. s. p.	2 cm ³

Caixas com
5, 25, 50 e 100
ampolas de 2 cm³

MEDICAMENTO ENTORPECENTE

VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA

UM PRODUTO

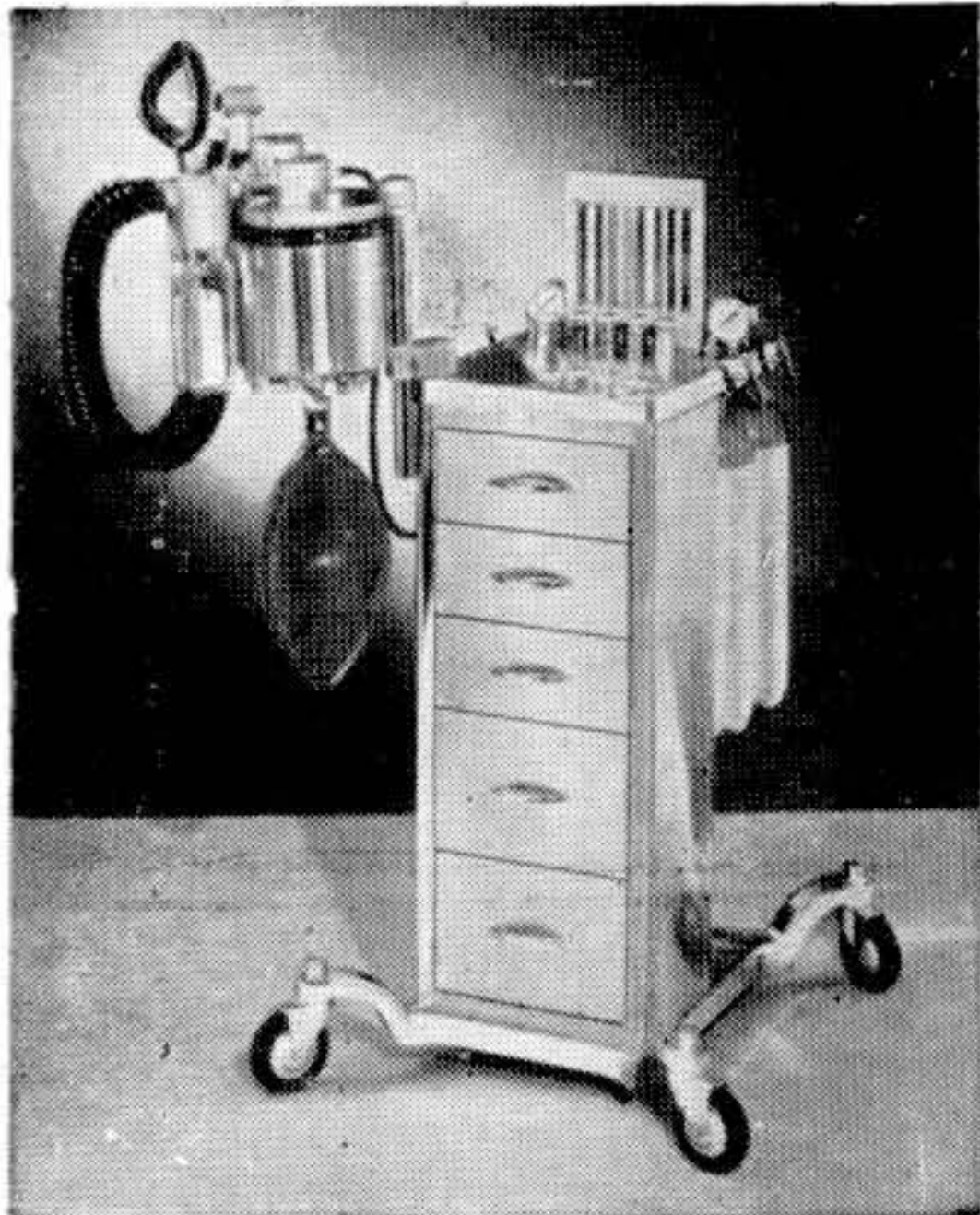


L.C.S.A.

E. & J. Manufacturing Co.

APARELHOS DE ANESTESIA

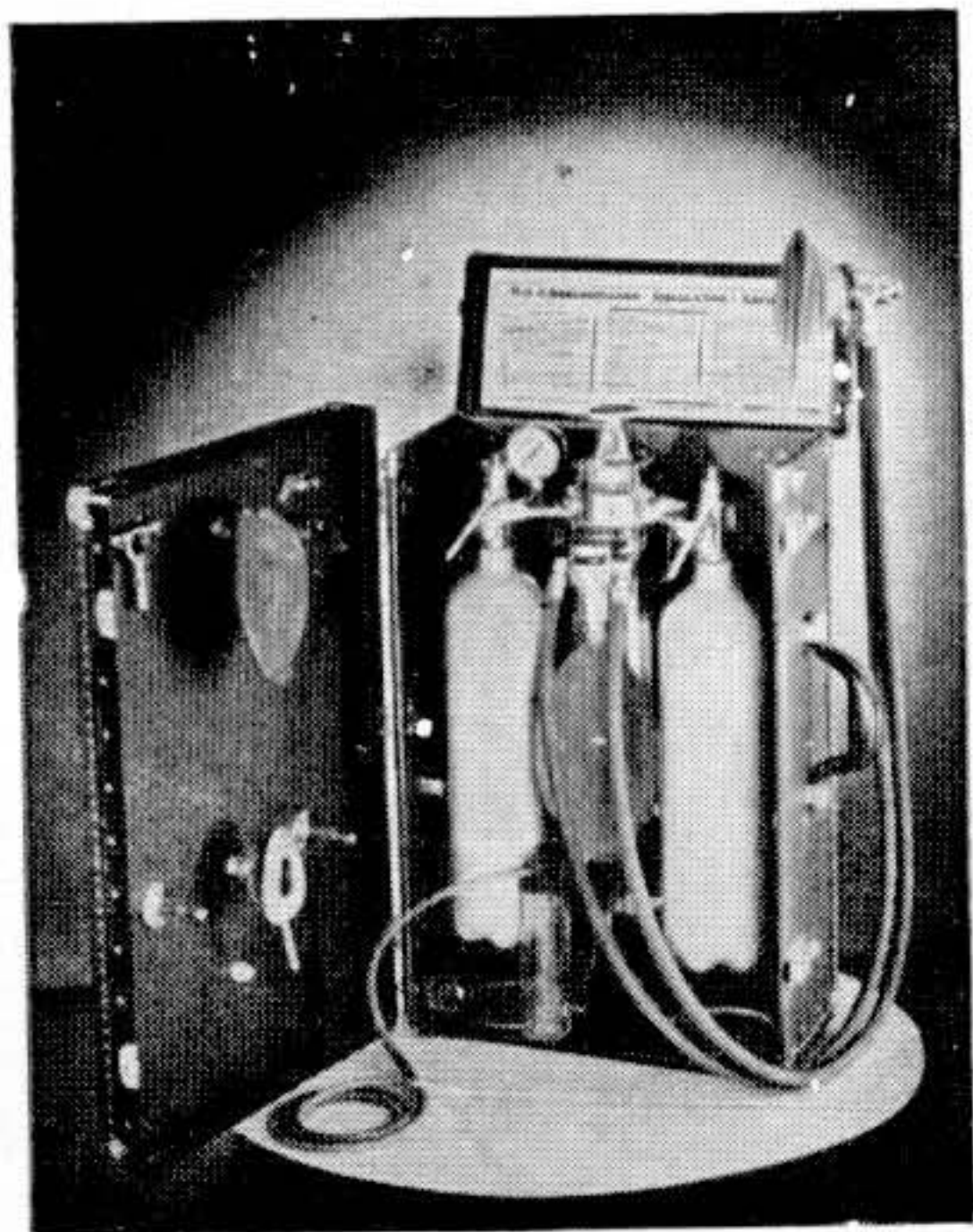
Representantes e Distribuidores no Brasil



INDÚSTRIAS QUÍMICAS MANGUAL S. A.

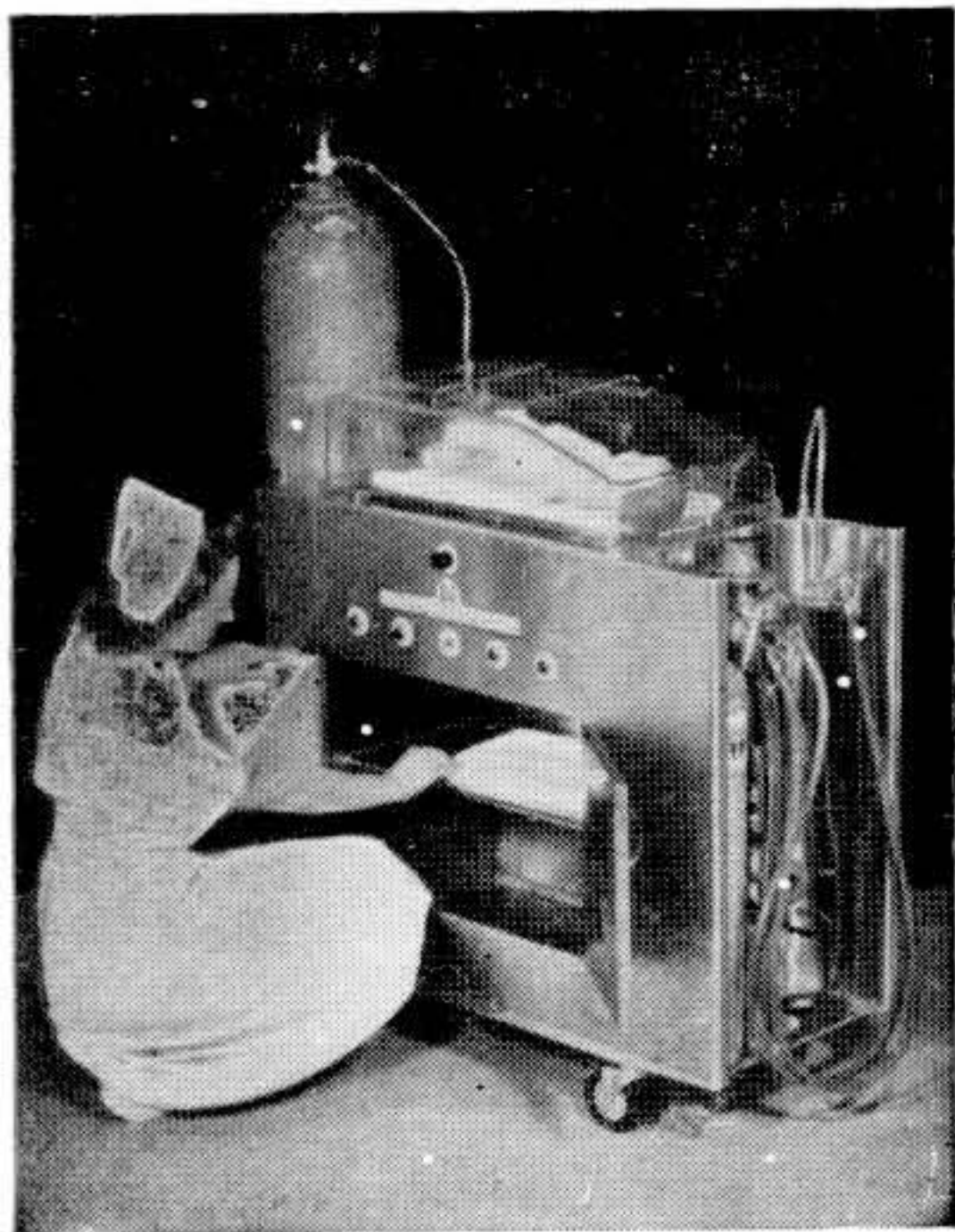
Aparelhos de Anestesia E. & J.
FACILIDADE DE MANEJO — Simplicidade de Manutenção.
Absorvedor com 3 recipientes de cal sodada independentes.
Modelos Gabinete e stands.

RESSUSCITADORES



- Modelos hospitalares e portáteis.
- Pressão positiva e negativa em seqüências alternadas.
- Volume de oxigênio controlável para qualquer pulmão.
- Aspirador ao mesmo tempo.
- Inalador quando a respiração natural se restabelece.

RESSUSCINETE



- Berço transparente.
- Atmosfera úmida termo-regulável.
- Aspirador E. & J., incluso.
- Ressuscitador E. & J., incluso.
- Atmosfera de O₂ regulada.
- Franca portabilidade.
- Incubadora de urgência.

INDÚSTRIAS QUÍMICAS MANGUAL S. A.

MATRIZ: Rio de Janeiro — Rua Paulino Fernandes, 53-55 — Tel. 46-1818
C. Postal 3 705 — End. Telegr. "PICOT"

LABORATÓRIOS: Duque de Caxias — Estado do Rio — Rua Campos, 543

FILIAL: São Paulo — Rua Manoel Dutra, 218 — Tel. 32-9626
End. Telegr. "BAXTER"

REVISTA ARGENTINA DE ANESTESIOLOGIA

Órgão oficial da
"ASOCIACIÓN ARGENTINA DE ANESTESIOLOGIA"

Subscrição anual 100 pesos argentinos
Pagamento, de preferência, por cheque à ordem da
"Revista Argentina de Anestesiologia"

Direção e Administração:
CALLE GUEMES 4070, 2.º D.
Buenos Aires - Argentina

A "Revista Brasileira de Anestesiologia" oferece aos novos membros da Sociedade Brasileira de Anestesiologia coleções completas dos anos de 1953, 1954 e 1955, pelo preço de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) cada.

Pedidos ao Editor, acompanhados de cheque, em nome da "Revista Brasileira de Anestesiologia".

DR. OSCAR V. RIBEIRO

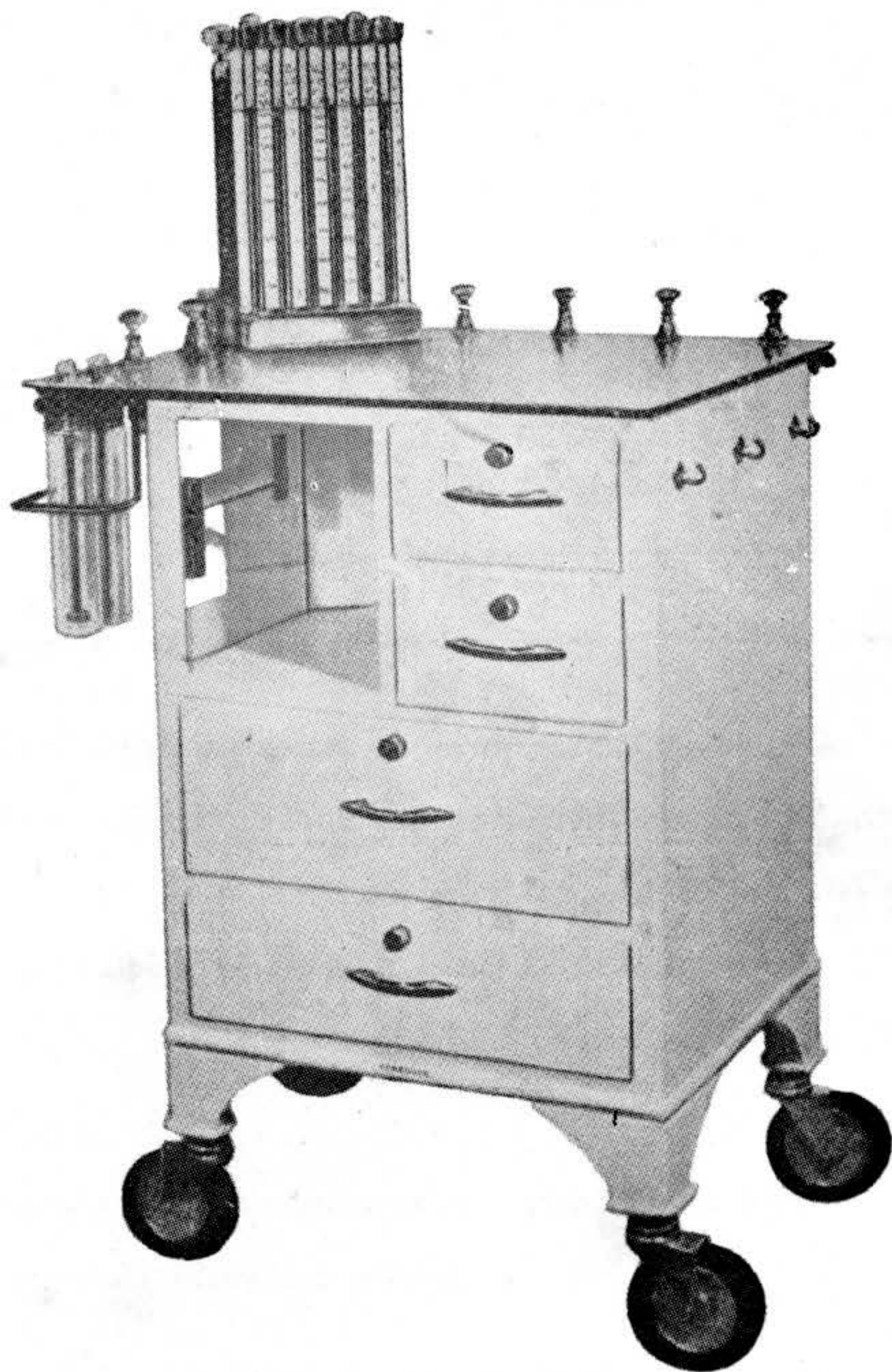
Hospital dos Servidores do Estado - sala 824

Rio de Janeiro, D. F.

FOREGGER

IMPORTADORA E EXPORTADORA S. A.

ANESTESIA - OXIGENOTERAPIA



RUA SANTA LUZIA, 799 - 14.º AND.

TELEFONE 52-5768 — RIO DE JANEIRO